

USO DO *DESIGN* UNIVERSAL PARA APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR: DIÁLOGOS E PRÁTICAS

Danielli Veiga Carneiro Sondermann – Universidade Federal do Espírito Santo /

Instituto Federal do Espírito Santo – danielli@ifes.edu.br

Aline Freitas - Instituto Federal do Espírito Santo - afreitas@ifes.edu.br

Eixo temático: Propostas curriculares e práticas pedagógicas

Categoria: Comunicação Oral

Resumo

O artigo apresenta uma discussão teórica sobre o *Universal Design for Learning* (UDL) - *Design* Universal para Aprendizagem, responsável pela criação de princípios para promover iguais possibilidades no processo de ensino e de aprendizagem, visando também a Educação Especial / Inclusão Escolar nas universidades e um estudo de caso realizado no Centro de Educação a Distância (Cead) do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes). O objetivo do artigo é apontar reflexões que envolvem desde o planejamento até a oferta de uma disciplina; e das intervenções que devem ser realizadas com base no UDL que apresenta três redes: conhecimento, estratégica e afetiva. Os resultados apresentam questões que giram desde o planejamento, à apresentação diversificada de conteúdos, às dificuldades no processo de ensino e de aprendizagem, às avaliações da aprendizagem e a importância da afetividade no contexto educacional.

Palavras-chave: *Design* Universal para Aprendizagem; *Design* Instrucional; Educação Especial, Inclusão Escolar; Educação a Distância.

Abstract

The paper presents a theoretical discussion about Universal Design for Learning (UDL) - Universal Design for Learning, responsible for the creation of principles to promote

equal opportunities in teaching and learning, aiming also to Special Education / School Inclusion in universities and a case study conducted at the Center for Distance Learning (Cead) of the Federal Institute of the Espírito Santo (Ifes). The aim of this paper is to point out that involve reflections from planning through the provision of a discipline, and interventions that should be done based on the UDL which has three networks: knowledge, strategic and affective. The results show that spin issues from planning the presentation of diverse content, the difficulties in the teaching and learning, assessment of learning and the importance of affectivity in the educational context.

Keywords: Universal Design for Learning, Instructional Design, Special Education, School Inclusion, Distance Learning.

1. Introdução

Os dados do último censo da educação superior realizado em 2010 apresentavam maneira tímida à inserção de alunos com deficiência no ingresso ao ensino superior. Paralelamente a esse movimento, cresce a modalidade a distância e de acordo com o decreto nº 5.622 de 19 de Dezembro de 2005, essa modalidade já era prevista para atender a educação especial desde que respeitadas as especificidades legais pertinentes.

Apesar do crescimento do acesso aos alunos com deficiência no ensino superior, sabemos que é preciso que a legislação sobre acessibilidade da pessoa com deficiência no ambiente universitário seja mais respeitada, e o atendimento das especificidades de cada tipo de deficiência sejam implementadas pelas instituições de ensino. O Ministério de Educação (MEC) deve acompanhar não apenas a autorização e o reconhecimento de cursos; mas também o acesso, a permanência e a qualidade no ensino para todos os alunos, independente da questão da deficiência.

Enquanto estamos vendo, as linguagens digitais se tornando importantes instrumentos de nossa cultura e, oportunizando inclusão e interação no mundo, a escola e todo sistema de educação, de modo geral, tem carecido de investimento e desenvolvimento de novas práticas a partir das tecnologias, para que se possa experimentar práticas pedagógicas mais democráticas e plurais (MIRANDA et al, 2009, p.198).

Apesar das inúmeras discussões em torno da Educação a Distância (EaD), sobre sua legitimidade, é fato que ela impulsionou o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), e que essas práticas têm sido refletidas também no ensino presencial; seja pelo uso de materiais digitais, novas formas de comunicação, novos espaços e um novo papel do professor. Muito se discute em torno das propostas pedagógica em torno do uso das tecnologias, visando também à Educação Especial (EE) / Inclusão Escolar (IE). E nesse contexto, onde o professor necessita de apoio para planejar o uso das novas tecnologias como apoio ao processo de ensino e de aprendizagem, ressurgem o profissional *Designer* Instrucional, cuja regulamentação da profissão se deu no Brasil em 2009, após sua inclusão na Classificação Brasileira de Ocupação (CBO), também classificado por: Desenhista instrucional, *Designer* instrucional e Projetista instrucional. A CBO (2011) descreve suas atribuições da seguinte forma:

Implementam, avaliam, coordenam e planejam o desenvolvimento de projetos pedagógicos/instrucionais nas modalidades de ensino presencial e/ou a distância, aplicando metodologias e técnicas para facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Atuam em cursos acadêmicos e/ou corporativos em todos os níveis de ensino para atender as necessidades dos alunos, acompanhando e avaliando os processos educacionais. Viabilizam o trabalho coletivo, criando e organizando mecanismos de participação em programas e projetos educacionais, facilitando o processo comunicativo entre a comunidade escolar e as associações a ela vinculadas.

Como apoio na Educação Especial / Inclusão escolar, mas não exclusivo, surge um conceito pouco difundido no Brasil, o *Universal Design for Learning (UDL) – Design Universal para Aprendizagem*, responsável pela criação de princípios para promover possibilidades em igualdades no processo de ensino e de aprendizagem. Outra denominação dada é o *Designer Instrucional Universal*. O termo instrucional, apesar de ser traduzido pelos norte-americanos como ‘ensino’, no Brasil o termo ainda remete ao conceito de instrução behaviorista. Entretanto, todos os estudos apontam para inserção de outras abordagens, dentre elas o cognitivismo, o construtivismo e o humanismo.

Esse artigo tem como objetivo levantar ações-reflexões em torno da proposta do UDL para o ensino superior, a partir de uma pesquisa realizada em uma disciplina ofertada na modalidade à distância, mas que podem e devem ser refletidas no ensino presencial.

Que práticas já podem ser realizadas no ensino superior visando condições de igualdade no processo de ensino e de aprendizagem? Quais os desafios para implantação do UDL? Quais as limitações do UDL? Essas inquietações motivaram a escrita desse artigo, seja pelo aprofundamento teórico sobre o *Design* Universal para Aprendizagem e para alavancar discussões no Brasil e as possibilidades de prática a partir de uma pesquisa realizada em uma instituição pública de ensino.

2. Referencial Teórico

Apresentamos sobre o *Design* Universal para Aprendizagem (UDL) e sobre a Educação Especial / Inclusão escolar no ensino superior. O conhecimento sobre as duas áreas prover uma fundamentação teórica para promover as ações-reflexão sobre as possibilidades do UDL no ensino superior.

2.1 *Design* Universal para Aprendizagem

A fundamentação sobre o UDL necessita de uma contextualização do *Design* Instrucional em si nas últimas décadas. Sabe-se que o termo *Design* Instrucional surgiu na segunda Guerra Mundial, quando um grande número de psicólogos foi chamado pelo exército dos EUA para realizar pesquisas e desenvolver materiais de treinamento com fins militares (REISER, 2001). A tradução correta do termo *instructional* para os norte-americanos é ensino, neste sentido, muitos livros traduzidos nas décadas de 70, 80 e 90 para o português não possuem o nome *Design* Instrucional, somente com as obras de Andrea Filatro (2004) no Brasil, o termo voltou a ser utilizado.

Compreender de que forma as tecnologias de informação e comunicação contribuem para o aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem representa uma oportunidade de redescobrir a natureza ímpar, insubstituível e altamente criativa da educação no processo de desenvolvimento humano e social. Este é o campo de pesquisa do design instrucional, entendido como o planejamento, o desenvolvimento e a utilização sistemática de métodos, técnicas e atividades de ensino para projetos educacionais apoiados por tecnologias (2004, p.32).

O termo *Design* Universal para Aprendizagem foi adotado pela *Center for Applied Special Technology* (CAST) – Centro de Tecnologia Especial Aplicada e divulgado pelo

National Center on Universal Design for Learning (UDL Center, 2012) – Centro Nacional de Design Universal para Aprendizagem. Os pesquisadores da CAST (2012) identificaram três áreas principais, ou ‘redes’ no cérebro:

- Rede de conhecimento: lugar onde se processa as informações obtidas por nossos sentidos, por exemplo: textos lidos e/ou ouvidos, imagens vistas e/ou objetos que tocamos. Esta rede é formada pelas informações que chegam até o cérebro e representa “O quê” da aprendizagem.
- Rede Estratégia: responsável pelo auxílio na organização das ideias e em seguida, planeja e realiza as atividades propostas. Ao responder algo, utiliza-se a rede estratégica. É o “como” da aprendizagem.
- Rede Afetiva: relacionada ao interesse e as coisas que nos desafiam. A rede afetiva é o “por que” de aprendizagem, das atividades e das ideias que motivam a aprendizagem. Aprender um conceito de matemática para conseguir êxito em algum jogo é um exemplo da rede afetiva.

As redes propostas, em alguns momentos, aproximam-se dos estudos sobre estilos de aprendizagem, que foi alvo de críticas, pois alguns estudiosos acreditam que as habilidades devem ser adquiridas. Entretanto, da forma como a educação se encontra em nosso país com altos índices de reprovação, evasão e baixos desempenhos nas avaliações, como por exemplo, o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE). Foge do objetivo do artigo analisar esse tipo de avaliação, mas sabemos que as notas obtidas acabam causando um ranqueamento entre as instituições de ensino, visando à educação como mercadoria, algo totalmente indesejado. Acredita-se que criar possibilidades diversas, no intuito de promover igualdades no processo de ensino e de aprendizagem deve ser algo desejável a qualquer instituição.

Nessa perspectiva, os currículos devem ser flexíveis e oferecer meios variados para apresentar seus conteúdos e práticas adotadas. Isso envolve diversos fatores: desde um conteúdo no formato de texto, áudio, áudio/vídeo, texto/áudio/vídeo que possa ser visualizado em diferentes dispositivos, como o computador e os dispositivos móveis. Outra questão a ser verificada é a forma como os alunos são avaliados, deve-se promover meios múltiplos: apresentação oral, escrita e oral/escrita.

Na rede afetiva, também se deve prover meios múltiplos e flexíveis de forma a envolver o aluno com relação ao que deve ser aprendido. Alguns alunos se sentem mais estimulados a estudar sozinho do que em grupo e vice-versa; essa questão deve ser respeitada e trabalhada ao longo do tempo. É importante criar condições para que o aluno considere a importância de cada componente curricular estudado e que consiga estabelecer interlocuções com o curso.

As áreas básicas em que se pode aplicar o UDL no currículo escolar são: metas, materiais didáticos, métodos de ensino e avaliações.

2.2 Educação Especial no Ensino Superior

Segundo Secretaria de Educação Especial (SEESP, 2009), os alunos considerados como público alvo da educação especial são aqueles com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e com altas habilidades/superdotação.

Para González (2002) qualquer aluno sendo formado para ser professor deveria receber uma adequada preparação básica, que lhe proporcionasse algumas estratégias para desenvolver seu trabalho com alunos que apresentam necessidades específicas, de modo a poder oferecer-lhes respostas adequadas em habilidades e atitudes relacionadas às situações cotidianas. O autor entende que “[...] os objetivos da formação inicial deveria incluir dimensões relativas aos conhecimentos, destrezas, processo de atenção à diversidade dos alunos (p. 245)”.

O que ocorre é que, nesse caso, somente logo após o acesso surgem às dificuldades referentes há falta de acessibilidade física e deflagra principalmente há falta de acessibilidade atitudinal. Enfim, esses fatores contribuem para o fracasso escolar e de ensino-aprendizagem, relacionados à educação superior das pessoas com deficiência, e não permite da mesma forma a escolarização (WATZLAWICK, p.150).

Um dos grandes desafios para a universidade juntamente com o apoio do Estado é construir um ambiente que evite rejeições e segregações. Segundo Santos (2008), “Temos o direito a ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza (p. 313)”.

A seguir apresentamos algumas questões encontradas em diversas pesquisas de diferentes autores (MIRANDA, 2009; MOREIRA, 2008; WATZLAWICK, 2001), sobre a inclusão de alunos no ensino superior:

- Uso de materiais digitalizados que dificultam a produção com aumento de letras.
- Postura dos professores diante dos alunos com deficiência, como, por exemplo, posicionar-se frente ao aluno surdo para possibilitar a leitura labial.
- Desconhecimento das universidades sobre as deficiências.
- Dificuldade encontrada pelos alunos para a realização de trabalhos em grupo devido ao sentimento de rejeição.
- Dificuldade no relacionamento entre professor-aluno e aluno-aluno;
- Falta de estrutura física nas instalações das universidades.

Um dos desafios para as universidades é o diálogo com outras áreas de conhecimento. Em entrevista a Agência Repórter Social, Santos (2005) afirma:

“O conhecimento científico tem que saber dialogar com outros conhecimentos – porque nas práticas sociais os outros conhecimentos estão presentes – e trazê-los para dentro da universidade. O que significa, eventualmente, os alunos da universidade contato com líderes comunitários que hoje não são cientificados para ensinar na universidade, mas provavelmente devem vir à universidade para dar sua experiência”.

A educação de maneira geral precisa lidar com as diferenças seja de ordem cultural, social e/ou econômica. É preciso insistir que toda ação realizada em uma sala de aula, por menor que seja, incide em maior ou menor grau na formação de nossos alunos. A maneira de organizar a aula, o tipo de incentivos, as expectativas que depositamos, os materiais que utilizamos, cada uma destas decisões veicula determinadas experiências educativas, e é possível que nem sempre estejam em consonância com o pensamento que temos a respeito do sentido e do papel que hoje em dia tenha-se sobre a educação (ZABALA, 1998, p. 29).

Com relação às práticas educacionais inclusivas é necessário um repensar sobre os processos cognitivos para aprendizagem, a construção de uma aprendizagem de forma colaborativa partindo do coletivo para o individual, a importância sobre contextualizar e o saber de cada aluno, respeitando às singularidades de cada indivíduo. Pensar na

utilização de TICs dentro destas questões e não reproduzir a aula tradicional, onde o professor é o centro do processo e não são permitidos diálogos construtivos para a aprendizagem de todos e nessa direção o uso da UDL torna-se uma grande aliada para minimizar muitas das questões apresentadas.

3. Metodologia

Foi realizado um estudo de caso, no intuito de promover reflexões sobre a possibilidade de aplicação em uma componente curricular ofertada na modalidade a distância. Segundo André (1984) o estudo de caso busca a descoberta, e que o pesquisador deve estar constantemente atento a elementos que podem emergir como importantes durante o estudo, aspectos não previstos, dimensões não estabelecidas a priori.

Em que o estudo de caso se distingue de outros tipos de estudo? Acredito que sua característica mais distintiva que é a ênfase na singularidade, no particular. Isso implica que o objeto de estudo seja examinado como único, uma representação singular da realidade, realidade esta, multidimensional e historicamente situada (ANDRÉ, 1984, p.52).

A pesquisa foi realizada no Centro de Educação a Distância (Cead) do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) no setor de Produção de Materiais responsável pela criação de materiais, tanto para a modalidade a distância quanto para material de apoio às atividades do ensino presencial. O setor possui: um gerente geral, um coordenador de *designers* instrucionais, oito *designers* instrucionais, cinco *designers* gráficos, dois programadores visuais, cinco editores de ambiente virtual de aprendizagem, dois editores de áudio e vídeo e nove revisores de texto.

O Cead/Ifes possui os seguintes cursos ofertados na modalidade a distância: Técnico em Informática, Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Licenciatura em Informática, Licenciatura em Letras e quatro pós-graduações; Tecnologia Educação Profissional e Tecnológica, Educação Profissional Integrada a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, Informática na Educação e Gestão Pública Municipal.

Cada curso ofertado pelo Cead/Ifes possui um conjunto de professores conteudistas / formadores, professores-tutores a distância e professores-tutores presenciais, *designer* instrucional, pedagogo e revisor de textos. Cada disciplina é elaborada por um professor

conteudista em conjunto com o *designer* instrucional e pedagogo, ambos específicos por curso. No que se refere à oferta da disciplina, a metodologia de EaD da instituição pesquisada é realizada por meio de um professor formador, responsável por apoiar os professores-tutores a distância na condução da disciplina. Os professores-tutores a distância são responsáveis por tirar dúvidas de maneira síncrona (ao mesmo tempo) e assíncrona (tempos diferentes), corrigir as atividades propostas e acompanhar os alunos por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), no caso, a instituição utiliza o Moodle. Nos polos de apoio presencial, utilizados para a realização de atividades e/ou avaliações presenciais, tem-se o professor-tutor presencial, que fica responsável pelo acompanhamento e pela organização da disciplina no referido polo.

A coleta de dados foi feita por meio de entrevista com profissionais do setor de Produção de Materiais de acordo com as áreas básicas do UDL: metas, materiais didáticos, métodos de ensino e avaliação. E pesquisas no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) em diferentes disciplinas.

O *designer* instrucional do curso apóia o professor na elaboração do Mapa de Atividades (Figura 1). No mapa de atividades, todas as atividades são organizadas por semana, especificando seus conteúdos, objetivos e atividades. Cada atividade é definida como característica teórica (T), quando se refere a somente leituras e práticas (P) quando requer uma ação por parte do aluno. Pelas atividades são definidos os recursos do Moodle que podem ser utilizados, dentre eles: tarefa (envio de arquivos), wiki (textos colaborativos), fórum (espaço para discussões), questionários e glossários. Cada atividade é avaliada com relação ao grau de dificuldade que ela pode apresentar a nota que será atribuída e a percentual, referente à carga horária da disciplina. A coluna de observações é livre para informações adicionais.

Figura 1 - Modelo de Mapa de Atividades utilizado.

S	Tema principal	Subtemas	Objetivos específicos	Atividades	T	P	Recurso do Moodle	Grau de Dificuldade*	Nota	%	Observações
01											

Fonte: Cead/Ifes

As mídias criadas pelo Cead/Ifes são textos, imagens, vídeos, animações e tutoriais. Quanto aos vídeos e tutoriais, quase todos são legendados e com narrativas em áudio.

Cabe nos lembrar das palavras de Penteadó (2010, p.6): “Um bom plano não transforma, em si, a realidade da sala de aula, pois ele depende da competência e do compromisso social do docente” e na EaD não é diferente.

A instituição desconhece sobre a UDL, cabe lembrar que nesse artigo propõem-se ações-reflexões visando à incorporação da mesma nas práticas educacionais e na construção de materiais.

4. Resultados

A seguir apresentamos alguns resultados da pesquisa realizada na instituição e a fundamentação teórica do UDL. Segundo relato de um dos *designers* instrucionais, não houve um envolvimento profundo entre ele e o professor conteudista, ou seja, o designer instrucional vem assumindo a posição de gerente de projeto e com pouco envolvimento nas questões pedagógicas.

‘Atualmente nosso trabalho gira em torno de cobrar prazos de entrega do planejamento e materiais. Faltando espaço para um olhar mais crítico sobre os planejamentos, os conteúdos e atividades propostas’ – Designer Instrucional do curso A.

Sobre a oferta das disciplinas pode-se observar: os conteúdos normalmente são criados em formatos diferenciados, entretanto, não se observou para um mesmo conteúdo formatos diferenciados, que é uma das principais propostas do UDL. E a narrativa de um aluno em um dos cursos ofertados demonstra o quanto isso é importante.

‘Gostaria de solicitar um material em texto sobre os tutoriais da ferramenta GIMP, pois dada a sua importância quero guardar esse material para consulta posterior e ter que rever todo o vídeo ficará complicado’ – Aluno A.

O fato interessante é que se observou que na mesma sala a maioria dos alunos estava elogiando esse tipo de material, o tutorial, para aprendizagem do conteúdo sobre o GIMP (Software para edição de imagens), conforme a fala da Aluna B:

‘Pessoal,

*Parabéns pelo uso das videos-aulas. É um recurso ótimo para nossa aprendizagem.
Através delas consegui compreender, interpretar melhor o programa Gimp.
Deveria ser assim em todas as disciplinas!’ - Aluna B.*

As questões citadas anteriormente estão relacionadas com a Rede de Conhecimento da UDL, ou seja, como as pessoas recebem a informação nos diversos formatos. Para os profissionais envolvidos na criação do tutorial, esse era visto como a melhor forma para apresentar esse tipo de conteúdo, pois se trata da apresentação sobre a utilização de uma ferramenta computacional, apesar de aceito pela maioria da turma, houve o questionamento citado pelo Aluno A.

Questionou-se à equipe de produção sobre como eles pretendem lidar com a apresentação de um mesmo conteúdo de maneira diversificada e a resposta foi:

“Hoje no setor de produção não tem trabalhando neste sentido. A única coisa que fazemos é disponibilizar o material impresso também no ambiente virtual, porém, a mesmo não esta acessível para portadores de deficiência visual, por exemplo. Há aproximadamente dois meses montamos um grupo de estudo do setor de produção com o intuito de buscarmos difundir os conhecimentos dos membros da equipe e também buscar desenvolver novas ferramentas para o desenvolvimento do setor e das atividades que desenvolvemos e a acessibilidade é um dos temas que pretendemos desenvolver. Com isso acredito que futuramente passaremos a disponibilizar os conteúdos em formatos diferentes e mais acessíveis” – Coordenadora dos *Designers* Instrucionais.

Quanto à forma de avaliação adotada na maioria das disciplinas, se distanciam da proposta da UDL, pois é usado um formato único para todos os participantes e não existe a proposta de opções diversificadas, por exemplo: explanação oral pela escrita, trabalho individual ao trabalho em grupo.

Pela pesquisa verificamos o quão complexo é a elaboração dos materiais e fazer com que os professores cumpra seus prazos. Para pensar em mesmo conteúdo de maneira diversificada são necessárias políticas públicas e incentivos nessa direção, pois demanda mais tempo e recursos humanos para o desenvolvimento.

Com relação à Rede Estratégica do UDL, que se preocupa com organização das ideias, planejamento e desenvolvimento das atividades propostas. No Cead/Ifes todas as atividades são revisadas pelo *designer* instrucional e o revisor de texto, entretanto, não é

difícil encontrar alunos e professores-tutores tirando dúvidas com o professor formador de enunciados. A seguir apresenta-se um exemplo retirado em uma das disciplinas pesquisadas. O enunciado da tarefa foi: “Buscar um site na Internet que seja utilizado por um professor para disponibilizar material para seus alunos; esse site deve conter alguma mídia, além de textos, pode ser vídeo, imagem, animação e/ou tutorial”. As respostas foram as mais variadas possíveis, dentre elas: apresentaram um site com artigos e publicações sobre a educação de maneira geral, sites com materiais para concurso público, sites com videoaulas, sites com jogos e outros. Pouquíssimos alunos realmente apresentaram um site de um professor, propriamente dito, que criou a sala para uso de seus alunos.

[...] Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão (BAKHTIN, 1999, p.132).

Na Rede Estratégica, por entrar as questões cognitivas aqui está um dos maiores desafios para implementar o UDL. Perguntou-se a coordenadora dos *designers* instrucionais que ações são estabelecidas quando se detecta dificuldade de aprendizado em determinadas componentes curriculares e/ou um conteúdo específico. A resposta:

“Pelo setor de produção este trabalho não era feito, porém ele sempre foi solicitado a equipe dos cursos. Para isso cada um cria a sua metodologia de trabalho e análise e as soluções encontradas para os problemas na maioria das vezes não passam pelo setor de produção. Porém estamos trabalhando em uma forma de avaliar esses problemas, não durante o andamento da disciplina, mas após a conclusão e antes de uma nova edição da mesma”.

Pesquisando as salas percebemos que no decorrer da oferta da disciplina, o professor formador insere materiais complementares, atividades extras e realiza momentos síncronos, usando a WebConferência, para tirar dúvidas sobre determinados conteúdos.

E com relação à motivação para realizar um curso? Podemos pensar em criar situações estimuladoras. Como prover a Rede Afetiva da UDL? Os cursos do Cead/Ifes apresentam turmas bastante heterogêneas em diversas questões, seja por formação,

idade, localização geográfica, expectativa pessoal e profissional dentre outros; a questão da motivação torna-se algo muito complexo.

As tentativas observadas em favorecimento a Rede Afetiva, foram por meio dos professores-tutores a distância por meio de mensagens aos alunos, solicitando informações sobre o andamento da disciplina e se colocando à disposição em ajudá-los. Mas sabe-se que isso não é suficiente para estabelecer uma Rede Afetiva, é preciso envolver o aluno, ele precisa estar motivado pelo curso escolhido, os conteúdos devem ser significativos e deve haver respeito mútuo entre todos os envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem.

5. Considerações Finais

Várias reflexões puderam ser observadas e diversas ações podem ser implementadas no ensino superior, independente da modalidade de ensino. O UDL resume questões já conhecidas por todos nós educadores, mas com uma ênfase a criação de iguais possibilidades entre os alunos, independente de ter ou não algum tipo de deficiência e/ou dificuldade. Ela perpassa pelos diversos estilos de aprendizagem presente em todos os nossos alunos e que demandam tempo, para desenvolver estilos diferenciados.

Questões como diversificar os formatos do conteúdo, das avaliações, das estratégias de ensino e ainda, estabelecer a relação afetiva com os alunos; são questões que podem ser implementadas.

O UDL demanda esforços de toda comunidade acadêmica, em especial na rede de conhecimento, que necessita de produção de mídias diferentes. Para muitos professores a produção desse tipo de material está distante de suas capacidades com a tecnologia e algumas instituições não dispõem de setores específicos para esse tipo de material. Já existe uma série de ferramentas gratuitas disponíveis, mas que necessitam de capacitação.

Se os professores já começarem a pensar no UDL, temos a possibilidade de aulas presenciais e a distância, alavancando os processos de ensino e de aprendizagem.

6. Referências

ANDRÉ, M. E. D. *Estudo de caso: seu potencial na educação*. Revista de estudos e pesquisas em Educação. Cadernos de pesquisa. Nº 49, p.51-54. São Paulo, Maio, 1984.

BAKHTIN. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 9ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MOREIRA, L. C. *Das indagações ao cotidiano da sala de aula: perspectivas de inclusão na universidade*. BAPTISTA, C. R.; CAIADO, K. R. M.; JESUS, D. M. (orgs). Educação Especial: diálogo e pluralidade. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008.

CAST – *Universal Design for Learning guidelines version 2.0*. Wakeeld, MA: Author. Disponível em: <<http://www.cast.org/udl/>> - Acesso em: abr. 2012.

CBO. *Classificação brasileira de ocupação*. Disponível em: <<http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>>. Acesso em: abr. 2012.

FILATRO, Andrea. *Design Instrucional Contextualizado: educação e tecnologia*. São Paulo: SENAC, 2004.

MIRANDA, T. G.; ROCHA, T. R. Acesso e permanência do aluno com deficiência na instituição de ensino superior. Revista “Educação Especial” v. 22, n. 34, maio/ago. 2009, Santa Maria Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em: mai. 2012.

PENTEADO, V. S. *Plano de curso, plano de ensino ou plano de aula. Que planejamento é esse?* Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil. Cascavel, Paraná. Disponível em: <<http://cac.php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario1/trabalhos/Educacao/eixo1/11valeriadesouzapenteado.pdf>> - Acesso em: mai. 2012.

SANTOS, B. de S. *Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento*. Educação & Realidade, Porto Alegre, 2001, v. 26, n. 1, p. 13-32, 2001.

UDL Center. *National center on universal design for learning*. Disponível em: <<http://www.udlcenter.org/>>. Acesso em: mai. 2012.

WATZLAWICK, J. A. de A. *As (im)possibilidades da inclusão na educação superior. Dissertação do Programa de Pós-graduação em Educação*. Linha de Pesquisa: LP3 – Educação Especial. UFSM, 2011.